Encontro de Pontos de Rede 2026 – 11.ª Edição
20 e 21 de novembro – Macau, China



Culturas em Diálogo:
Interculturalidade nas aulas de PLE

Resumos das comunicações

Isabel Margarida Duarte

Isabel Margarida Duarte é Professora Catedrática de Linguística (Emérita), do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem inúmeras publicações em livros e revistas portuguesas e internacionais sobre pragmática (marcadores discursivos, formas de tratamento, relato de discurso), o português como língua pluricêntrica e o ensino do português como língua materna e língua estrangeira. É sócia correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, 2.ª Secção | Filologia e Linguística. É membro integrado do Centro de Linguística da Universidade do Porto.

"Produção de materiais didáticos para dinâmicas interculturais em sala de aula"

Partindo de alguns documentos oficiais de abrangência mundial (por exemplo, UNESCO, 2014) que chamam a atenção para a necessidade de desenvolvimento de uma cidadania global e de várias definições e tipologias de material didático, iremos propor um desenvolvimento integrado e harmonioso de competências linguísticas, interculturais e de cidadania global no ensino de Português Língua Estrangeira. Este desenvolvimento poderá ser potenciado pela utilização de materiais didáticos que tenham também o objetivo de estimular, nos aprendentes, o conhecimento da(s) cultura(s) que existe(m) na língua e da cultura que vem associada à língua. Tais materiais serão tanto mais motivadores e produtivos quanto mais facilitarem o diálogo entre a cultura da língua-alvo e a(s) vária(s) cultura(s) dos aprendentes. No caso do português, o facto de ser uma língua pluricêntrica complexifica a construção de materiais, mas torna-a, também, mais estimulante e desafiadora. O conhecimento mútuo e o diálogo que dele nasce aproximam professor e estudantes da cidadania global, sem esquecer nunca que é do ensino eficiente da língua estrangeira que se trata. Alguns exemplos ilustrarão esta proposta.

Maria Helena Araújo e Sá

É, desde 2020, Professora Catedrática no Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro (UA), em Portugal, onde realizou, em 2012, as provas de Agregação no Ramo de Didática e Tecnologia Educativa. É Diretora do Programa Doutoral em Educação (desde 2014). Foi coordenadora científica do CIDTFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores desde 2016 a novembro de 2025, Unidade de Investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia que obteve, na última avaliação internacional (2025), que coordenou, a classificação de Excelente. Foi fundadora do LALE – Laboratório Aberto para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (atual LABELING), que co-coordenou entre 1999 e 2019. Colabora, através de protocolos, com instituições do ensino superior de vários países, entre elas, no âmbito de mestrados e programas doutorais em Angola e na China. É membro do *International Centre for the Comparative Study of Doctoral Education*, sedeado em Durham (UK). É uma das concetoras, consultora científica e formadora do projeto PEBIF (Escolas Bilingues e Interculturais de Fronteira), um projeto de

colaboração entre os governos de Portugal e Espanha, que tem como parceiro estratégico a Organização dos Estados Ibero-americanos. É presidente do Conselho Executivo da Associação Rede Internacional de Investigação em Educação em São Tomé e Príncipe (ARIIE-STP), associação esta que fundou em 2025.

Os seus domínios de atuação situam-se nas áreas da Didática de Línguas e Culturas, com enfoque nas temáticas da intercompreensão, plurilinguismo e interculturalidade, articulando vertentes de investigação, formação e intervenção na sociedade. Neste âmbito, tem lecionado a nível de pós-graduação, orientado jovens investigadores (com mais de 30 doutoramentos concluídos) e pós-doutoramentos, publicado e investido em atividade editorial, bem como participado em e coordenado equipas de projetos de investigação, desenvolvimento e cooperação nacionais e internacionais. Colabora com associações profissionais e agências de política linguística educativa (tais como como a *Agence Universitaire de la Francophonie*, o Camões IP, o IPOR e a Organização dos Estados Ibero-americanos).

“Entre encontros e travessias, a interculturalidade: olhares sobre a avaliação“

Esta conferência assenta numa perspetiva de interculturalidade como um processo de *estar entre*, sem ser o mesmo, nem o igual, que permite descobrir e experimentar novas formas de ser e de estar mais híbridas, mais plurais e mais humanas, a nível individual e social. Neste quadro conceptual, apresentaremos, num primeiro momento, algumas propostas de modelização da competência intercultural, para lançar, em seguida, um olhar sobre possibilidades de avaliação que elas convidam a convocar. Para tal, assumindo uma perspectiva da avaliação como um processo complexo, multidimensional, contextualizado e contínuo, que exige, da parte do professor, tomadas de decisão a múltiplos níveis, quer teóricas (que conceção da competência intercultural defendo?), quer metodológicas (que modelos de avaliação são os mais adequados no meu contexto e para que fim?), quer práticas (para quê avaliar? Como avaliar? Porquê avaliar?), apresentaremos cinco trajetórias de avaliação construídas em torno de um continuum: desconstruir pontos de vista únicos, comparar perspectivas, explorar histórias, provocar experiencias de encontro intercultural e refletir sobre as aprendizagens efetuadas. Estas trajetórias serão ilustradas com exemplos concretos situados no ensino do Português Língua Estrangeira na China que serão observados em termos das dimensões da competência intercultural que permitem avaliar e dos instrumentos de avaliação que podem ser convocados para este fim. No final, serão lançadas algumas questões para reflexão, relacionadas com desafios, constrangimentos, limites e tensões associados à avaliação numa perspectiva intercultural em contextos educativos.

Nuno Miranda
(IPOR) (Eixo 1)

“Entre o dizer e o interpretar na comunicação intercultural"

A competência intercultural no ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) é frequentemente abordada como uma dimensão que se acrescenta à aprendizagem linguística, através da introdução de conhecimentos sobre diferentes culturas, práticas sociais e formas de interação. Esta comunicação parte de uma perspetiva diferente, propondo que a aprendizagem intercultural pode começar desde os primeiros níveis de aprendizagem linguística, uma vez que determinadas formas linguísticas elementares já envolvem significados pragmáticos e socioculturais.

A partir de uma abordagem teórica da linguagem e da comunicação intercultural, propõe-se analisar a relação entre forma linguística, função pragmática e interpretação sociocultural. Serão discutidos exemplos do Português Europeu que permitem observar esta relação em diferentes níveis de aprendizagem. Os fenómenos que serão analisados mostram que aprender uma estrutura linguística implica, em determinados casos, aprender também formas culturalmente situadas de gerir relações interpessoais, distância social, cortesia e adequação comunicativa.

Propõe-se, assim, que competência linguística e competência intercultural não sejam concebidas como etapas necessariamente sucessivas. Pelo contrário, determinadas escolhas linguísticas podem constituir, desde os níveis iniciais, pontos de entrada para a reflexão intercultural. Defende-se uma abordagem em que o ensino da língua integre progressivamente a atenção à dimensão pragmática e sociocultural das formas linguísticas, permitindo ao aprendente não apenas compreender o que se diz, mas também interpretar por que razão se diz de determinada maneira.

Iryna Bykova Vitorino
(South China Business College, Guangdong University of Foreign Studies (SCBC)) (Eixo 1)

“Portugal de norte a sul: a promoção da interculturalidade através da interação entre alunos chineses e falantes de português”

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o projeto pedagógico «Portugal de norte a sul», desenvolvido, desde 2020, no âmbito do ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) na China. Através desta iniciativa, os alunos chineses elaboram perguntas sobre Portugal, a língua portuguesa e a cultura dos países de língua portuguesa, às quais falantes de português respondem através de vídeos.

O projeto procura proporcionar aos alunos oportunidades de contacto com falantes da língua portuguesa e com diferentes experiências culturais, promovendo a utilização do português em contextos autênticos de comunicação. Simultaneamente, incentiva a curiosidade, a

participação ativa e a reflexão sobre a diversidade cultural, contribuindo para aproximar os alunos da realidade portuguesa e das comunidades lusófonas.
Nesta comunicação, serão apresentados os objetivos e o funcionamento do projeto, exemplos de atividades desenvolvidas e as suas potencialidades enquanto estratégia pedagógica para integrar a dimensão intercultural no ensino de PLE. Pretende-se, assim, refletir sobre o papel da interação com falantes da língua-alvo na aprendizagem linguística e na construção de pontes culturais entre a China e os países de língua portuguesa.

Pedro Caeiro
(Universidade da Cidade de Macau) (Eixo 1)

"O desenvolvimento da competência comunicativa intercultural dentro e fora da sala de aula"

Na aprendizagem de uma língua não materna, o objetivo consiste em adquirir uma competência comunicativa nessa língua, que permita a compreensão e a expressão de mensagens em diferentes contextos. No entanto, para que essa comunicação exista, é necessário mais do que conhecer a língua, importando também conhecer o contexto cultural em que esta é utilizada. Por isso, um estudante de uma língua não materna deve adquirir uma competência comunicativa intercultural, que lhe permita interagir de forma adequada em trocas comunicativas com pessoas de diferentes origens culturais.

Em Macau, esta questão pode ser problemática, uma vez que, apesar de ser língua oficial no território, o português não é a língua materna, nem sequer uma língua de comunicação da maioria da população local. Assim, para que os estudantes de português na região tenham acesso a elementos culturais expressos em português de forma a desenvolverem a sua competência comunicativa intercultural, os docentes de língua portuguesa têm frequentemente de criar essas oportunidades, já que o contexto linguístico de Macau não favorece as interações em português.

Nesta comunicação, serão apresentadas algumas estratégias de fomento do desenvolvimento da competência comunicativa intercultural nos estudantes de português como língua não materna em Macau, bem como algumas atividades levadas a cabo com os estudantes da Licenciatura em Português na Universidade da Cidade de Macau e os resultados obtidos, na esperança de que possam ser adaptadas a outros contextos tanto neste como noutros territórios.

Sara Augusto
(Universidade da Cidade de Macau) (Eixo 1)

"Narrativas em diálogo: o texto literário alegórico numa perspetiva intercultural em PLE. Da tradição fabular ocidental e chinesa à literatura contemporânea de Macau"

A fábula é um dos géneros literários mais antigos da história da literatura. Esopo e Fedro marcaram a produção fabular na literatura ocidental e as fábulas tiveram sempre grande sucesso editorial. Na literatura portuguesa, vastas coletâneas de fábulas foram traduzidas, reescritas e lidas, sobretudo na época barroca, quando a alegoria se apresentou como um procedimento semântico e estrutural ideal para um período literário que associava a tarefa de ensinar ao desígnio de deleitar (*prodesse et delectare*). Por sua vez, a literatura chinesa teve também um percurso alegórico assinalável, destacando-se as conhecidas fábulas de Zhuangzi, nome pelo qual ficou conhecido Zhuang Zhou (350 a.C. – 250 a.C.), reunidas no livro homónimo (*Zhuangzi*). Zhuangzi foi um dos filósofos chineses mais influentes, pilar do taoísmo filosófico (juntamente com Laozi); a versão clássica da sua obra, composta por 33 capítulos (compilada pelo comentador Guo Xiang no século IV d.C.), é considerada uma obra-prima que combina filosofia, poesia, humor e parábolas absurdas que desafiaram (e desafiam) as convenções sociais e a rigidez do pensamento humano.

Este trabalho pretende dar a conhecer uma experiência pedagógica desenvolvida com alunos a iniciar o nível B1, a qual contemplou a pesquisa sobre os autores e as suas obras, a compreensão leitora de textos selecionados e a apreensão das características do texto narrativo. Numa fase posterior, o projeto prevê a extensão deste trabalho com a inclusão de textos que exemplificam a fusão entre as duas tradições — ocidental/europeia e oriental —, recorrendo à coleção de crónicas/textos publicada na imprensa *online*, "Animais Fantásticos da China", de Carlos Morais José.

Natalícia Emanuela Soares Magno

(Centro de Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e) (Eixo 1)

"A relação entre a arte de contar histórias e o ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste: uma experiência didática de oralidade na educação básica em Díli"

O presente estudo tem como objetivo analisar o contributo da arte de contar histórias para o ensino e a aprendizagem do português como língua não materna por alunos do ensino básico, em contexto timorense, com particular enfoque no desenvolvimento da oralidade. Partiu-se do pressuposto de que o recurso às histórias pode estimular a imaginação e o espírito crítico, favorecer a compreensão do mundo, enriquecer o vocabulário e desenvolver a capacidade de escuta e o respeito pelos turnos de fala. Adotou-se uma metodologia de natureza qualitativa, tendo a investigação decorrido no 1.º ciclo do CAFE de Díli. Após a

aplicação de um teste de diagnóstico, foram implementadas e acompanhadas intervenções didáticas centradas na escuta e no reconto de histórias e realizadas entrevistas semiestruturadas a professores deste ciclo de ensino. A análise dos dados permitiu identificar contributos destas atividades para o desenvolvimento da oralidade em português, bem como o interesse dos alunos pela escuta e pelo reconto e a apreciação positiva dos professores relativamente às propostas desenvolvidas.

Os resultados apontam para a pertinência de integrar, de forma regular e intencional, a arte de contar histórias nas práticas de ensino do português como língua não materna. Conclui-se que esta estratégia pode contribuir para a aprendizagem da língua portuguesa e para a valorização da tradição oral timorense em contexto escolar, articulando o desenvolvimento de competências linguísticas com o reconhecimento do património cultural local.

Maria Daniela Pereira de Sousa
(Camões, I. P.) (Eixo 1)

"«Para quê, coração meu?»: apropriação e ressignificação intercultural do Lenço dos Namorados em PLE"

Esta comunicação apresenta uma proposta de intervenção pedagógica orientada para o desenvolvimento de competências de escrita, oralidade e criação multimodal em Português Língua Estrangeira (PLE). A experiência foi desenvolvida na unidade curricular de Práticas de Escrita da Licenciatura em Estudos Portugueses da Universidade Mohammed V, em Rabat (Marrocos), com estudantes de nível A2 (QECR) e perfil plurilingue.

A intervenção toma o Lenço dos Namorados — artefacto artesanal e poético da tradição popular portuguesa — como catalisador de dinâmicas de sala de aula assentes na mediação transcultural, na colaboração e na reflexão crítica sobre valores culturais. Ancorada numa metodologia qualitativa de investigação-ação e estudo de caso, a proposta articulou a observação participante, questionários diagnósticos e a análise documental das produções escritas e visuais elaboradas pelos estudantes.

A sequência didática estrutura-se em dez tarefas encadeadas, culminando na criação poético-visual e numa exposição coletiva. Analisam-se três movimentos conceptuais emergentes na praxis dos aprendentes: o Encontro com a tradição minhota; a Negociação plurilingue e tecnológica (com recurso a ferramentas digitais e Inteligência Artificial); e a Ressignificação transcultural do artefacto.

Demonstra-se como os estudantes desconstruíram o universo cortês/amoroso tradicional, mobilizando o Presente do Conjuntivo para inscrever desejos de paz, bênção, saúde e espiritualidade associados ao seu próprio contexto sociocultural (como o Ramadão). Discutem-se os contributos das dinâmicas colaborativas em sala de aula para a expansão do vocabulário, a escrita criativa e o desenvolvimento consciente da competência intercultural em PLE.

Jacqueline Kaczorowski
(Sichuan University of Science & Engineering (SUSE)) (Eixo 2)

“Um conto angolano em contexto chinês: proposta de didatização de «A menina Vitória»”

O ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) em universidades chinesas apresenta desafios particulares devidos não apenas à distância entre a língua materna e a língua portuguesa, mas também à especificidade do repertório de seus estudantes. Enquanto em outros contextos a mediação intercultural é fundamental ao desenvolvimento do pensamento crítico, na China a esta tarefa se soma a necessidade de apresentar referências da cultura ocidental nem sempre familiares aos alunos. Neste quadro, a literatura pode ser um poderoso meio de oferecer aos aprendentes formas de se expor à diferença, conhecer elementos de outras culturas e ter contato com usos da língua muito diversos em contextos de produção autênticos. Além disso, uma vez que o ensino de línguas na China é marcado por certo pragmatismo que tende a priorizar o ensino de gramática, o uso de obras literárias em sala de aula pode oferecer um meio de abordar diretamente objetos culturais sem deixar de explorar conteúdos linguísticos previstos pelo currículo. Assim, o trabalho propõe uma didatização do conto angolano “A menina Vitória”, de Arnaldo Santos, buscando adequar as mediações às demandas específicas que caracterizam a situação de aprendizado de alunos chineses. Voltada a estudantes de nível intermediário, a proposta procura dinamizar usos do texto literário como elemento de construção de competências intercultural e simbólica.

Zhang Hanzi
(Universidade Jiaotong do Leste da China) (Eixo 2)

“Do Próprio à Dialogicidade: uma proposta de materiais didáticos interculturais em PLE no ensino superior chinês”

Nas abordagens contemporâneas da educação intercultural, o desenvolvimento das competências interculturais deixa de ser entendido apenas como a aquisição de conhecimentos sobre diferentes culturas e passa a ser conceptualizado como um processo dinâmico, reflexivo e dialógico, construído na interação entre diferentes perspetivas (Dervin & Jacobsson, 2021; Dervin & Tan, 2022). No ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE), os estudos recentes salientam igualmente a importância de materiais autênticos, de situações contextualizadas e da mediação pedagógica na construção de aprendizagens interculturais significativas (dos Santos, 2026; Costa, Machado & Ferreira, 2026; Schaefer, 2024).

No contexto do ensino superior chinês, coloca-se assim uma questão: como podem os princípios e propostas teóricas desenvolvidos em diferentes contextos ser apropriados, adaptados e ressignificados de acordo com as características dos aprendentes chineses e com as especificidades da realidade educativa chinesa?

Partindo desta problemática, esta comunicação apresenta uma proposta de materiais didáticos interculturais concebida para o ensino de PLE, no âmbito da disciplina "Comunicação Intercultural", destinada a estudantes universitários chineses. Estruturada em diferentes unidades temáticas, a proposta parte dos repertórios socioculturais dos aprendentes como ponto de partida para o encontro com diferentes culturas do espaço lusófono. As atividades organizam-se em torno de situações de interação intercultural, comparação de perspetivas, formulação de hipóteses, negociação de significados e reflexão crítica. Em vez de apresentar as diferenças culturais como categorias fixas entre "nós" e "eles", a proposta procura criar condições para a dialogicidade, entendida como um processo de confronto, negociação e construção de significados entre diferentes perspetivas culturais.

A análise desta proposta permite discutir os princípios para a seleção, a adaptação e a produção autónoma de materiais interculturais em PLE, nomeadamente a valorização dos repertórios socioculturais dos aprendentes, a contextualização das situações de aprendizagem, a promoção da dialogicidade e a mediação pedagógica crítica. Defende-se, assim, uma elaboração situada de materiais que não se limite à adaptação de conteúdos culturais ao público chinês, mas que tome os repertórios dos próprios aprendentes como o recurso pedagógico e os envolva ativamente na construção de significados interculturais, criando condições para a passagem do "próprio" à dialogicidade.

Leticia de Souza Aquino
(UNB / Indiana University) (Eixo 3)

"Avaliação e reflexão docente em perspectiva intercultural: práticas no ensino de português do Brasil como língua estrangeira a estudantes mexicanos"

O ensino de português como língua estrangeira (PLE) em contextos culturalmente diversos exige uma abordagem que ultrapasse a aprendizagem de estruturas gramaticais, vocabulário e competências comunicativas convencionais. Aprender uma língua implica também entrar em contacto com diferentes valores, representações, práticas sociais, formas de interação e modos de interpretar o mundo. Nesse sentido, a sala de aula de PLE constitui um espaço privilegiado para a construção de conhecimentos linguísticos e culturais, mas também para o desenvolvimento da empatia, da abertura à diferença e da capacidade de questionar generalizações e estereótipos.

A proposta parte da compreensão de que a avaliação intercultural não deve limitar-se à verificação da quantidade de informações que os alunos possuem sobre os países de língua portuguesa. Mais do que memorizar dados relativos a festividades, gastronomia, costumes ou variedades linguísticas, espera-se que o aprendente desenvolva a capacidade de relacionar

perspetivas, interpretar práticas culturais, reconhecer a diversidade interna das comunidades e posicionar-se criticamente perante situações de contacto intercultural.

A competência intercultural pode ser entendida como a capacidade de interagir com pessoas de diferentes contextos linguísticos e culturais de forma respeitosa, reflexiva e socialmente adequada. Para Byram (1997), essa competência envolve atitudes de curiosidade e abertura, conhecimentos sobre grupos sociais e processos de interação, capacidades de interpretação e relação, descoberta e interação, assim como uma consciência cultural crítica. Kramsch (1993), por sua vez, defende que o ensino de línguas deve favorecer a construção de um espaço de mediação entre culturas, no qual o aprendente possa analisar tanto a cultura-alvo como as suas próprias referências culturais. Essa perspetiva afasta-se de visões essencialistas que apresentam as culturas como conjuntos fixos, homogéneos e facilmente delimitáveis.

No ensino de PLE a estudantes mexicanos, a proximidade entre o português e o espanhol pode contribuir para a comunicação inicial e facilitar determinadas aprendizagens. Contudo, essa proximidade linguística não elimina diferenças pragmáticas, discursivas, históricas e socioculturais. Pelo contrário, a aparente familiaridade entre as línguas pode levar os estudantes a interpretar determinados comportamentos e práticas por meio de equivalências imediatas, nem sempre adequadas. Por essa razão, torna-se necessário criar oportunidades para que os alunos observem semelhanças e diferenças, discutam os sentidos atribuídos às práticas culturais e reconheçam a pluralidade existente tanto no México como nos diferentes países e comunidades de língua portuguesa.

O trabalho teve como objetivo geral analisar as contribuições de práticas avaliativas interculturais para a aprendizagem de português por estudantes mexicanos e para o desenvolvimento da reflexão docente. Especificamente, procurou-se: avaliar competências interculturais para além do domínio estritamente linguístico; promover práticas inclusivas que reconhecessem a diversidade cultural dos estudantes; estimular a reflexão sobre estereótipos e generalizações; compreender de que forma os instrumentos de avaliação poderiam oferecer informações sobre o processo de aprendizagem; e fortalecer a partilha de experiências entre professores como estratégia de formação contínua e inovação pedagógica.

Metodologicamente, o trabalho assume uma orientação qualitativa, descritiva e reflexiva, estruturada como um relato crítico de práticas pedagógicas. A análise baseia-se em atividades de sala de aula e em momentos de reflexão e formação contínua entre docentes. Em lugar de privilegiar exclusivamente testes formais, foram utilizados instrumentos que permitiram acompanhar o modo como os alunos interpretavam as experiências interculturais, relacionavam conhecimentos e reformulavam perceções ao longo da aprendizagem.

Um dos instrumentos utilizados foi o portfólio intercultural. Nesse documento, os estudantes registaram observações, dúvidas, descobertas e comparações suscitadas pelas aulas. Os registos podiam incluir pequenos textos reflexivos, imagens, comentários sobre materiais audiovisuais e descrições de situações culturais. O portfólio possibilitou acompanhar não apenas os produtos finais, mas também o percurso realizado por cada aprendente, incluindo mudanças de perspetiva, dificuldades de interpretação e reconhecimento de ideias anteriormente baseadas em generalizações.

Também foram propostas atividades de autoavaliação, por meio das quais os estudantes refletiram sobre a sua participação, as estratégias de aprendizagem utilizadas e as reações suscitadas pelo contacto com práticas culturais diferentes das suas. Algumas questões orientadoras procuraram identificar o que havia causado surpresa ou desconforto, quais perceções tinham sido revistas e como os conhecimentos adquiridos poderiam contribuir

para futuras interações interculturais. A autoavaliação foi concebida, portanto, como um exercício de tomada de consciência e de responsabilização do estudante pelo próprio processo de aprendizagem, e não somente como atribuição de uma classificação.

Outro procedimento adotado foi a realização de projetos colaborativos. Organizados em grupos, os estudantes produziram apresentações multimédia sobre festividades, formas de sociabilidade e manifestações culturais mexicanas e lusófonas. A dimensão colaborativa favoreceu a negociação de sentidos, o confronto de diferentes interpretações e o uso significativo da língua portuguesa. Além da adequação linguística, foram considerados aspetos como a contextualização das informações, a qualidade da pesquisa, a capacidade de estabelecer relações sem simplificações, o respeito pela diversidade e a reflexão crítica demonstrada durante a apresentação.

Entre as experiências desenvolvidas, destacou-se uma atividade de comparação entre o Dia dos Mortos, celebrado no México, e o Dia de Finados em contextos de língua portuguesa, sobretudo no Brasil. Inicialmente, os alunos mobilizaram conhecimentos prévios, experiências familiares, imagens, narrativas e representações difundidas pelos meios de comunicação. Em seguida, tiveram contacto com diferentes materiais sobre as duas celebrações e foram convidados a identificar aproximações e diferenças relacionadas com memória, religiosidade, ancestralidade, luto, família, símbolos e ocupação dos espaços públicos.

A atividade despertou interesse e envolvimento dos estudantes, especialmente porque lhes permitiu apresentar uma manifestação cultural mexicana internacionalmente conhecida e relacioná-la com práticas de comunidades lusófonas. No entanto, algumas intervenções evidenciaram representações simplificadas, como a ideia de que todos os mexicanos celebram o Dia dos Mortos de forma semelhante ou de que o Dia de Finados possui um único significado no conjunto dos países de língua portuguesa. Também surgiram associações baseadas em imagens estereotipadas, descontextualizadas ou fortemente influenciadas por produtos culturais de circulação internacional.

Essas ocorrências mostraram a importância da mediação docente. Em vez de simplesmente corrigir as afirmações dos estudantes, procurou-se formular perguntas que os levassem a investigar a origem das suas representações, reconhecer diferenças regionais, familiares, religiosas e geracionais e analisar quem produz e divulga determinadas imagens culturais. A comparação deixou, assim, de procurar correspondências exatas entre duas festividades e passou a constituir um exercício de interpretação. Esse processo foi importante para evitar que a abordagem intercultural se transformasse numa exposição superficial de curiosidades sobre culturas nacionais.

A experiência indicou que a avaliação das competências interculturais deve contemplar dimensões como a disponibilidade para ouvir outras perspetivas, a empatia, a capacidade de contextualizar práticas, o reconhecimento da diversidade interna dos grupos e a disposição para rever interpretações iniciais. Esses elementos não são facilmente mensuráveis por meio de testes convencionais. Por isso, a combinação entre portfólios, autoavaliações, observação docente e projetos colaborativos mostrou-se particularmente pertinente. Em conjunto, esses instrumentos permitiram reunir diferentes evidências de aprendizagem e compreender a competência intercultural como um processo em desenvolvimento.

A avaliação assumiu, dessa maneira, um caráter formativo. As produções dos estudantes foram utilizadas para orientar intervenções pedagógicas, rever conteúdos e selecionar novos materiais. Os estereótipos identificados durante as atividades não foram interpretados apenas como falhas individuais, mas como indícios de representações sociais que precisavam

ser problematizadas coletivamente. O erro, a dúvida e o desconforto passaram a ser considerados oportunidades de aprendizagem, desde que abordados num ambiente de respeito, escuta e segurança.

A experiência também evidenciou a relação entre avaliação intercultural e reflexão docente. Ao analisar as respostas dos alunos, o professor é levado a examinar as próprias escolhas: quais culturas e variedades do português são representadas nos materiais; que imagens do México e dos países lusófonos são reproduzidas; quais vozes permanecem ausentes; e de que maneira as tarefas propostas podem reforçar ou questionar conceções homogeneizadoras. A reflexão crítica implica reconhecer que o professor não ocupa uma posição culturalmente neutra. As suas crenças, experiências e expectativas influenciam tanto a seleção dos conteúdos como a interpretação do desempenho dos estudantes.

Nesse contexto, a partilha de práticas entre docentes desempenha um papel importante na formação contínua. A discussão de atividades, instrumentos de avaliação e situações ocorridas em sala de aula permite ampliar perspetivas e encontrar alternativas para desafios comuns. A formação docente torna-se mais significativa quando articula fundamentos teóricos, observação da prática, diálogo entre pares e reformulação das estratégias pedagógicas. Schön (1983) destaca a importância da reflexão na e sobre a ação, enquanto Kumaravadivelu (2006) defende uma atuação docente sensível às particularidades dos contextos locais. Essas contribuições reforçam a necessidade de compreender o professor como investigador da própria prática e produtor de conhecimento pedagógico.

Conclui-se que a avaliação intercultural no ensino de português a estudantes mexicanos não se limita à medição de conhecimentos sobre a língua ou sobre manifestações culturais. Trata-se de um processo contínuo que envolve interpretação, diálogo, autorreflexão e transformação das práticas docentes. Os portfólios interculturais, as autoavaliações e os projetos colaborativos favoreceram a participação ativa dos estudantes e tornaram visíveis dimensões da aprendizagem que dificilmente seriam identificadas por instrumentos exclusivamente linguísticos.

A comparação entre o Dia dos Mortos e o Dia de Finados confirmou o potencial pedagógico de atividades culturalmente significativas, mas também demonstrou que a comparação, quando não é devidamente mediada, pode reforçar estereótipos. A ação docente é, portanto, fundamental para promover leituras contextualizadas, questionar generalizações e valorizar a diversidade que atravessa as comunidades mexicanas e lusófonas.

Por fim, a experiência evidencia que avaliar interculturalmente também significa avaliar e transformar a própria prática pedagógica. A reflexão sistemática e a colaboração entre professores contribuem para a construção de um ensino de PLE mais inclusivo, crítico e sensível à diversidade. Nessa perspetiva, a sala de aula torna-se um espaço de encontro no qual aprender português significa também aprender a dialogar com diferentes modos de viver, interpretar e representar o mundo.

Leonora Ferreira
(Universidade Católica Timorense) (Eixo 3)

“A influência da cultura dos alunos na avaliação da aprendizagem”

Os alunos não chegam à sala de aula como folhas em branco: trazem modos de falar, de participar, de mostrar respeito e de provar o que sabem, aprendizagem na família e na comunidade. Em Timor-Leste, onde convivem o tétum, o português, o indonésio e dezenas de línguas maternas, e onde a tradição oral e o valor do coletivo são fortes, estas diferenças tornam-se particularmente visíveis no momento da avaliação.

Esta comunicação parte da pergunta: de que forma as experiências culturais dos alunos podem influenciar a maneira como demonstram o que aprenderam?

Com base num pequeno estudo qualitativo realizado na Escola de Línguas da UCT, analisaram-se as perceções de alunos e docentes sobre momentos de avaliação (testes escritos, apresentações orais, trabalhos de grupo, participação em aula).

Pretende-se mostrar que certos comportamentos interpretados como «falta de conhecimento» ou «falta de participação» — o silêncio perante o professor, a relutância em discordar, a preferência pela resposta coletiva — podem ter raízes culturais. A comunicação termina com propostas de práticas de avaliação mais justas e diversificadas, e com um convite à reflexão docente.